Defensivos agrícolas

Manejo fitossanitário na competitividade agrícola

Eduardo Daher*

ESTUDOS DA Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) estimam que a tecnologia de controle de pragas evita a redução, em média, de 40% na produção dos alimentos. A ferramenta agroquímica tem participação expressiva na competitividade do agronegócio brasileiro, conforme o relatório *Organização dos mercados de insumos e suas relações com a agricultura,* elaborado pelo Centro de Conhecimento em Agronegócios (Pensa), vinculado à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, da Universidade de São Paulo. O estudo integrou o *workshop* realizado pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA), que reuniu dirigentes especialistas de diversos elos das cadeias produtivas da agropecuária. Em termos de contribuição para a agricultura brasileira, vê-se que a adoção de tecnologias de base genética (sementes e mudas) e química (fertilizantes e defensivos) está associada ao crescimento da produção de grãos. "Nos últimos 20 anos, aumentou em mais de 100%, resultante do incremento tanto da área cultivada quanto da produtividade, elevada em mais de 60%", afirmam os especialistas. De fato, seriam dramáticas as consequências da escassez de hortaliças, frutas e dos cereais – como arroz, milho, trigo e feijão –, apenas para citar alguns itens imprescindíveis na cesta básica da população. Com um breve exercício de cálculo, a partir da safra brasileira de cereais, tem-se a noção, assustadora, da tragédia que o País enfrentaria se as plantações não fossem protegidas dos ataques das pragas.

A safra brasileira de grãos – composta de cereais e oleaginosas – em 2011 somou 145 milhões de toneladas. Portanto, sem a aplicação de inseticidas, herbicidas, fungicidas e acaricidas na proteção das lavouras, o País colheria menos cerca de 40%, isto é, 58 milhões de toneladas – o que equivaleria a um país do Primeiro Mundo, como o Canadá inteiro, por exemplo, se ver sem um só grão em suas mesas. Portanto, aqueles que têm críticas a esta tecnologia que travem o debate, sim, mas do estrito da ciência. Nas lavouras, evitam que as pragas consumam até 40% de cereais, isto é, 58 milhões de toneladas dos alimentos que compõem nossas refeições. Vejamos, com números mais detalhados, o que comprovam institutos de pesquisa a partir de análises do comportamento das pragas nas principais culturas do País:



SISTEMA FAEP

• O Brasil é um dos países onde a ferrugem asiática causa mais impactos no sistema produtivo da soja. Segundo dados da Embrapa Soja, a doença pode diminuir em até 80% a produtividade de uma lavoura.

• Na cultura do milho, a lagarta do cartucho representa um potencial de dano de 37% de perda na planta atacada, e de até 60% de perda na produção de grãos de uma lavoura. Em razão da sua grande ocorrência e da alta taxa de infestação, variando de 25% a 100%, é considerada a principal praga-alvo na cultura do milho no Brasil.

• Nos canaviais, a infestação de cupins nos toletes destinados aos novos plantios pode causar danos de até dez toneladas por hectare no ano, o que representa cerca de 60 toneladas por hectare durante o ciclo completo da cultura.

• No algodão, a virose denominada mosaico das nervuras (VMN) para o algodão pode reduzir a produção em até 60%, segundo o Centro Nacional de Pesquisa de Algodão.

Por fim, é fundamental destacar que os defensivos agrícolas são os produtos químicos mais severamente regulados no mercado. Somente são registrados e produzidos após longa e rigorosa avaliação de três ministérios: da Agricultura; da Saúde, através da Anvisa; e do Meio Ambiente, através do Ibama. Seus técnicos se dedicam, durante anos, na avaliação de estudos exigidos pela legislação brasileira compatíveis com as regulamentações e os protocolos internacionais. ■

* Diretor executivo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)